

A cidade do Natal – Rio Grande do Norte — Os anos 1920, sob a ótica de Câmara Cascudo

CASCUDO, Luís da Câmara. Cidade do Natal do Rio Grande. *Revista de antropofagia*. Ano I, n. 4, p. 3, ago. 1928. [Fonte: edição fac-similada da revista literária publicada em São Paulo, 1. e 2. “dentições” 1928-1929. Introdução de Augusto de Campos. São Paulo: Ed. Abril; Metal Leve S.A., 1975]

Revista de Antropofagia 3

## CIDADE DO NATAL DO RIO GRANDE

LUIS DA CAMARA CASCUDO

35000 patriotas. Fundada em 1599. Nasceu Cidade como filho de Rei é príncipe. Padroeira: Nossa Senhora da Apresentação que veio dentro dum caixote, lento e manso pelo rio. Seculo XVIII. Tem um rio e tem o mar. Campo da Latecoere. Tennis. Cinemas. Autos. Cinco pharmacies. Bispado. Dois jornaes diarios. As mulheres votam. O Presidente guia automoveis e viaja de avião. O secretario mais velho roda os quarenta annos. Sa! de Macau. Algodão do Seridó. Cêra de carnaúba. Couros. Assucar de quatro valles largos e verdes. Boiadao historico que em 1799 mandava deseis mil cabeças para Pernambuco. Instituto Historico. Escola Domestica numero um no Brasil. Aereo - Club - de - Natal com dois aviões e seis campos no sertão. Grupo-Escolar, grupo-escolar, grupo-escolar. Todo sertão se estorce no polvo das rodovias. O pneu amassa o chão vermelho dos comboios lerdos, langues, lindos. Poetas. Poetisas. Chronistas elegantes. A venidas aberlas para todos os ventos. Sem escuros. Nem buracões sormentos de espanta-gurry. Arvores aparadinhas estylo Nuremberg. Ruas calçadas, macias no escorrego das descidas. Raros-raros “mi dê umesmóla”. Associações de caridade. Meia groza de grupos de Foot-Ball. Não ha Rotary-Club, nem Automovel-Club nem Street-Club. Radiomania.

— E' o que lhe digo. Péguei os discursos de propaganda do Hoover.

— O que está me dizendo?...

Morros, areias, orós, mangues, cirys e aratús grudados nas pedras. Pesca-ria em bote com terra encoberta. Tres botes destes foram ao Rio. Centros Operarios. Discursos relatorios. Bata-

lhão do Exercito. Item da Policia. Musica aos domingos nos jardins com auto-gyros perennes de soldados e creadas e vice-versa. Sorvete, pirolito, folhado. Uma livraria e duas casas de livros.

— Já chegou o ultimo livro de Ardel?

— Não senhora. Temos aqui agora o grande Marden.

Não ha revista nem Academia de Letras. Cidade pintada de sol com

Janeiro. Festa dos Santos-Reis. Congos com puitas e ganzás roucos e surdeadores.

“Acorda quem está dormindo na serena madrugada venhão ver o Rei de Congos general de nossa Armada”

Dezembro. Lapinhas e Pastoris com musicas de cem annos teimosos e recordadores.

“A remigio bate o gullo soltando a voz mavioza”

Bois. Bumba-Meu-Boi pedindo cinco dedós para riscar em papel aquellas toadadas maravilhosas. Novembro. Festa da Padroeira. Irmandade dos Passos, solemmissima. Confederação Catholica. Escola de Commercio. Atheneu. Collegio Pedro II. Luar impassivelmente romantico. Serenatas. Violões gementes asanhando pruridos nostalgicos.

“Noites nunca hei de ter como já tive na escuridão polar de teu cabelo”

Bó-nito! Grog á frio. Magestic, Anaximandro, Cova da Onça. Riscos de navalha rombuda.

— Nem me fale! Pois este Jorge não escreveu dizendo que dava a certidão do nascimento de Dom Antonio Felipe Camarão por cinco mil pés de laranjas da Bahia?

Avenida Tavares de Lyra. Cafés prosa estirada á café manhoso.


— Gostei de seu artigo!

— Qual?...

— Homem, francamente... aquelle... eu sei que li... não estou bem lembrado... aquelle...

Bonds. Auto-Omnibus subindo. Prégões. Para oeste olhos compridos namorando possibilidades de chuvinhos. Por cima das casas zunzeiam, ronronantes e zonzos, motores roncando no caminho sem rastros dos aviões.

(NATAL)



Desenho de ANTONIO GOMIDE — 1928